

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

A INFLUÊNCIA DA CRIMINALIZAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NA RELAÇÃO  
ENTRE AZIZ E FIELDING EM PASSAGEM PARA ÍNDIA

Adriano Rodrigues e Silva

Rio de Janeiro

2023

A INFLUÊNCIA DA CRIMINALIZAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NA RELAÇÃO  
ENTRE AZIZ E FIELDING EM PASSAGEM PARA ÍNDIA

Adriano Rodrigues e Silva

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português-Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Rhys Bezerra Cass

Rio de Janeiro

2023

## DEDICATÓRIA

À minha mãe.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Ana, sem ela não sou nada. Obrigado por tornar tudo isso possível e por sempre me apoiar e me aconselhar desde o momento da escolha do curso e até agora, momento desta conquista.

À minha família: meu pai Virgílio, minha irmã Alessandra e minha sobrinha Manuela. Obrigado pelo suporte durante toda a graduação. Finalmente posso dizer com certeza ao meu pai a data em que concluo o curso.

À outra parte da família, que participou direta ou indiretamente no meu processo educacional. Obrigado Tia Eldizia e Samantha, que participaram ativamente no início deste processo, desde os lápis de cores até os deveres de casa e os puxões de orelha. Obrigado Tia Glória, não só pelas conversas que fizeram parte da formação do meu caráter, mas também por vibrar com as minhas conquistas. Agradeço ao meu padrinho Alexandre e à minha madrinha Maria Helena, que sempre estiveram no andar de baixo quando precisei de alguma coisa. Obrigado Tia Odila, que se tornou uma grande amiga, sua sinceridade e sabedoria de vida são um exemplo para mim. Obrigado, 147.

Agradeço também ao meu professor orientador, Thiago, que foi uma inspiração para mim durante a graduação. Serei eternamente grato por ter me ajudado de forma tão amigável e acolhedora na construção deste trabalho.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação, desde as “tias” Clara e Célia do ensino fundamental, a professora Solange do Ensino Médio, até todos os professores da graduação na UFRJ. Sem vocês nada disso seria possível.

Às minhas amigas, que estiveram junto comigo neste processo. Obrigado Karla, Clara, Thayanna, Paloma, Carol, Juliana e Isabelle, obrigado por todas as risadas, surtos em conjunto e os rodízios de pizza durante o curso. Ter compartilhado esse momento da minha vida com vocês deixou tudo mais leve. Tenho certeza que nossa história não termina tão cedo.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos e também a mim mesmo. Fico feliz por ter conseguido virar mais essa página da minha vida. Que venham muitas outras!

## EPÍGRAFE

“A happy ending was imperative, I shouldn't have bothered to write otherwise.”

(Edward Morgan Forster)

## RESUMO

### A INFLUÊNCIA DA CRIMINALIZAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NA RELAÇÃO ENTRE AZIZ E FIELDING EM PASSAGEM PARA ÍNDIA

Adriano Rodrigues e Silva

Orientador: Professor Doutor Thiago Rhys Bezerra Cass

A homossexualidade é um tema que costuma ser invisibilizado e criminalizado não só na sociedade, mas também na literatura, o que pode ter acontecido com a relação entre Aziz e Fielding em *Passagem para Índia*, de Edward Morgan Forster, objeto de estudo deste trabalho. O objetivo é fazer uma leitura que resgate os significados que podem ter sido silenciados por forças externas da criminalização da homossexualidade na Inglaterra, onde o autor vivia. O método utilizado para a análise é a leitura em contraponto, a qual torna possível o resgate desses significados que podem ter sido perdidos ou invisibilizados. Através da análise, pode-se concluir que as forças externas que afetaram a vida do autor também podem ter influenciado a escrita de *Passagem para Índia*, desde o nível estrutural do romance até a caracterização dos personagens Aziz e Fielding, cuja relação amorosa não deixa o plano platônico.

**Palavras-chave:** homossexualidade; sexualidade; leitura em contraponto; literatura queer; literatura inglesa; Passagem para Índia; Edward Morgan Forster.

## ABSTRACT

### THE INFLUENCE OF THE CRIMINALIZATION OF THE HOMOSEXUALITY IN THE RELATIONSHIP OF AZIZ AND FIELDING IN PASSAGE TO INDIA

Adriano Rodrigues e Silva

Orientador: Thiago Rhys Bezerra Cass

The homosexuality is a topic that usually is invisibilized and criminalized not only in society but also in the literature, and this is what may have happened to the relationship between Aziz and Fielding in *Passage to India*, by Edward Morgan Forster, which is the object of study of this work. The objective is to make a reading that can rescue the meanings that were possibly silenced by the external forces of the criminalization of the homosexuality in England, where the author lived. The method used for the analysis is the contrapuntal reading, which makes possible the rescue of those meanings that could be lost or invisibilized. Through the analysis we can conclude that the external forces that may have affected the life of the author can also have influenced the writing of *Passage to India*, from the structural level of the novel to the characterization of Aziz and Fielding, whose love relationship does not leave the platonic plan.

**Keywords:** homosexuality; sexuality; contrapuntal reading; queer literature; English literature; Passage to India; Edward Morgan Forster.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	9
2. A VIDA SECRETA DE EDWARD MORGAN FORSTER E SUA IMPORTÂNCIA PARA A LITERATURA <i>QUEER</i> .....	11
3. A NARRATIVA COMO TEXTO POPULAR E A CONSTRUÇÃO DO ENREDO DE PASSAGEM PARA ÍNDIA COM BASE NO CONCEITO DE DESEJO.....	13
4. A HOMOSSEXUALIDADE DE FORSTER PRESENTE NA DESCRIÇÃO DE DR. AZIZ.....	18
5. A COMPLEXIDADE NA AMIZADE ENTRE FIELDING E DR. AZIZ.....	20
6. A LITERATURA <i>QUEER</i> E A INFLUÊNCIA EXTERNA DA HOMOFOBIA NA CONSTRUÇÃO E RELAÇÃO DOS PERSONAGENS EM PASSAGEM PARA ÍNDIA.....	23
7. CONCLUSÃO.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29

# 1. INTRODUÇÃO

A homossexualidade é um tema que por muito tempo foi evitado, invisibilizado e criminalizado não só na sociedade mas na literatura. O objetivo deste trabalho é tentar retomar e resgatar o significado de uma obra que pode ter tido seu sentido ressignificado por causa da criminalização da homossexualidade, vigente na época em que foi publicada.

A obra em questão é *Passagem para Índia*, de Edward Morgan Forster. Tentaremos compreender se a relação entre os personagens Dr. Aziz e Fielding pode ter alguma conotação homossexual. Além disso, utilizaremos *Maurice*, obra do mesmo autor publicada postumamente, que apresenta temática homossexual explícita com o objetivo de compreender Forster como um autor *queer*.

O método utilizado para a leitura de *Passagem para Índia* é a leitura em contraponto, desenvolvida por Edward W. Said, no capítulo 2 de seu livro intitulado *Culture and Imperialism*, publicado no ano de 1994. A teoria desenvolvida por Said é importante para resgarmos significados perdidos com o passar do tempo ou invisibilizados propositalmente: “The point is that contrapuntal reading must take account of both processes, that of imperialism and that of resistance to it, which can be done by extending our reading of the texts to include what was once forcibly excluded [...]”. (Said, 1994, pp. 66-67)

O significado a ser resgatado ou revelado é o da homossexualidade presente na relação entre Aziz e Fielding, em *Passagem para Índia*. Embora Said foque no imperialismo, que é um grande fator na análise da obra de Forster, é possível pensar na homofobia como um fator também opressor que invisibiliza a literatura *queer* no tempo do escritor britânico.

Para entendermos melhor sobre a literatura *queer*, utilizaremos a obra de Eve Kosofsky Sedgwick, chamada *Epistemology of the Closet*, na qual estudaremos a construção de personagens *queer* com base na influência externa da homofobia. A obra de Sedgwick é importante para entendermos o que está por trás da invisibilização da homossexualidade dos personagens de Forster.

Na próxima seção, iremos descrever a vida de Forster e sua importância para a literatura *queer*. Além disso, tentaremos compreender a sexualidade do escritor britânico, seus medos e as possíveis causas externas para a escrita de *Passagem para Índia* e *Maurice*.

Na seção três, vamos descrever os aspectos formais e as características de *Passagem para Índia* com ênfase no conceito de desejo. A quebra de expectativa no nível textual e estrutural podem ser consideradas como grandes fatores na construção do enredo de Forster.

Na seção quatro, vamos tentar associar a homossexualidade de Forster à criação do personagem de Aziz, utilizando exemplos também do personagem Maurice, de sua outra obra. Ambos os personagens podem ser considerados como uma idealização de Forster sobre o que ele desejava e aspirava ser.

Na seção cinco, abordaremos a amizade entre Fielding e Aziz, foco deste trabalho, em especial como a homossexualidade e o período colonial podem ser grandes fatores na relação complexa entre o ocidente e o oriente presentes na obra de Forster.

Na seção seis, buscaremos as motivações por trás da construção e da relação de Aziz e Fielding, tendo como base a teoria de Sedgwick. Para isso, abordaremos a possível influência externa da heteronormatividade como uma força além do imperialismo.

Por fim, o objetivo deste trabalho é entender como a relação entre o Dr. Aziz e Fielding pode ser lida como uma relação homossexual e tentar atribuir as motivações externas para a invisibilização desse desejo homoafetivo.

## 2. A VIDA SECRETA DE EDWARD MORGAN FORSTER E SUA IMPORTÂNCIA PARA A LITERATURA *QUEER*

Edward Morgan Forster foi um romancista britânico que nasceu em 1879 e viveu até 1970. Forster escreveu não só romances, mas contos, peças de teatro e até crítica literária. *Passagem para Índia*, objeto de estudo deste trabalho, foi publicado pela primeira vez em 1924 e aborda a complexidade das relações humanas durante o período colonial.

A vida de Forster é um enigma que foi revelado com o passar do tempo. Em vista disso, utilizaremos a biografia escrita por Wendy Moffat, publicada no ano de 2011, intitulada *E. M. Forster: A New Life*, em que a autora obteve acesso aos escritos secretos deixados por Forster, o que nos possibilitou analisar suas obras a partir de uma nova perspectiva.

Assim como sua biografia, devemos “começar com o fato de que ele era homossexual” (Lehmann, 1988 *apud* Moffat, 2011, n/p, tradução nossa). Em King’s College, “it was a semisecret that Forster was homosexual. There were even rumors of a secret manuscript” (Moffat, 2011, n/p).

De acordo com Moffat (2011, n/p), Forster se apaixonou por Masood, um jovem indiano descrito como:

Well over six feet tall, he looked at the top of Morgan’s head, and he was barrel-chested and virile, willing to pick a fight if he felt his honor was impugned. He was profoundly handsome, in a matinée-idol exotic sort of way, with large, wide-set, almost black eyes, and a fierce black mustache

Apaixonado por Masood, Forster viajou para a Índia para visitá-lo, mas acabou descobrindo que ele se casaria no ano seguinte. Esse amor frustrado pode ter sido um fator importante na escrita de *Passagem para Índia*: “India always conveyed a sweet sense of wanting in Morgan—both a sense of desire and a sense of loss” (Moffat, 2011, n/p).

Outro aspecto importante da vida de Forster são os momentos importantíssimos para história da homossexualidade na Europa, os quais presenciou: “Forster came of age sexually in the shadow of the 1895 Wilde trials, and he learned their lessons well.” (Moffat, 2011, n/p).

Além do julgamento de Oscar Wilde em 1895, Forster também viveu durante a ascensão do governo nazista na Alemanha e viu um de seus amigos, Christopher Isherwood, tentar salvar o seu companheiro da Alemanha nazista.

Apesar de afetado pelo medo de ter sua sexualidade revelada, Forster era um ativista:

He protested against fascism, against censorship, against communism, against “Jew-Consciousness,” against the British occupation of Egypt and India, against racism and jingoism and anything that smelled of John Bull. Morgan’s public voice wasn’t stentorian. He raised it, tremulously, often alone, against the edifice of conformity. (Moffat, 2011, n/p)

O medo talvez seja um grande fator para o caráter póstumo de *Maurice*, obra considerada revolucionária por ter um final feliz para um casal homoafetivo. O manuscrito de *Maurice* pode ser considerado, então, a materialização da sexualidade de Forster, cuja publicação ou descoberta colocava não só Forster, mas sua mãe e todos os seus amigos e amores em risco.

Mesmo vivendo numa Inglaterra homofóbica, e ao lado da ascensão do nazismo, Forster se apaixonou mais uma vez, mas agora por um policial britânico chamado Bob Buckingham “and he would become the greatest love of Morgan’s life.” (Moffat, 2011, n/p).

No entanto, assim como Masood, Bob eventualmente se casou e teve um filho. Após anos difíceis entre Buckingham e Forster, a aproximação entre o escritor e a esposa de Buckingham, May Buckingham, tornou possível uma configuração familiar diferente: “[...] relations between Morgan and the couple adjusted very subtly into a stable triangle that would sustain all three of them in different ways for the next thirty-five years”. (Moffat, 2011, n/p)

Após sofrer seu segundo derrame cerebral, Forster foi acolhido pelos Buckingham e lá viveu seus últimos momentos em vida. No dia 7 de junho de 1970, Edward Morgan Forster faleceu em Coventry, na Inglaterra, deixando um legado importante para a literatura *queer* e a possibilidade de sonhar com um final feliz.

### 3. A NARRATIVA COMO UM TEXTO POPULAR E A CONSTRUÇÃO DO ENREDO DE *PASSAGEM PARA ÍNDIA* COM BASE NO CONCEITO DE DESEJO

Os aspectos formais são de suma importância na interpretação e compreensão de *Passagem para Índia*. A narrativa de Forster apresenta um choque cultural entre o ocidente e o oriente, Índia e Inglaterra, colonizado e colonizador.

Nesta seção tentaremos entender a construção do enredo de *Passagem para Índia* e as necessidades do tempo em que o romancista britânico viveu. Para isso, utilizaremos o livro de Peter Brooks chamado *Reading for the Plot: Design and Intention in Narrative*, de 1992. O autor começa seu livro explicando a importância e a popularização da literatura através do enredo: “Plot has been disdained as the element of narrative that least sets off and defines high art-indeed, plot is that which especially characterizes popular mass-consumption literature: plot is why we read Jaws, but not Henry James.” (Brooks, 1992, p.4), e cita Foster para tentar compreender o interesse social presente na leitura de romances:

When E. M. Forster, in the once influential *Aspects of the Novel*, asserts that Aristotle’s emphasis on plot was mistaken, that our interest is not in the “imitation of an action” but rather in the “secret life which of us lives privately,” he surely begs the question, for if “secret lives” are to be narratable, they must in some sense be plotted, display a design and logic. (p.5)

Podemos entender, então, que o interesse das pessoas em ler romances está na “vida secreta” não só dos personagens, mas de nós mesmos: são as nossas experiências pessoais transferidas para a narrativa através da inter-relação leitor/personagem e leitor/enredo. Como Brooks (1992, p. 10) afirma, é pelo enredo que a dinâmica e a lógica da narrativa acontecem: “Plot, let us say in preliminary definition, is the logic and dynamic of narrative, and narrative itself a form of understanding and explanation.”

O autor utiliza dois códigos elaborados por Roland Barthes para tentar descrever o enredo: o “código de ações” e o “código de enigmas e respostas” (Brooks, 1992, p.18). Pensando na obra de Forster, podemos tentar entender o código de ações como toda a narrativa que precede o acontecimento nas cavernas. Já o “código de enigmas e respostas” é

justamente o que ocorre durante e após o acontecimento nas cavernas, é a história de detetive, em outras palavras, é quando *Passagem para Índia* passa por momentos de tensão e de suspense provocados pelo ocorrido nas cavernas que, além de não ter sido narrado explicitamente, também não foi solucionado.

Ainda de acordo com Brooks (1992), o enredo é o entrelaçamento do “código de ações” com o “código de enigmas e respostas”. O autor explica que o enredo é uma forma de estruturar a interpretação “where we know the meaning are developed over temporal succession in a suspense of final predication.” (p.19). Com isso, cria-se uma expectativa, ou melhor, um desejo sobre o que ainda está para ser lido: “the reading of plot as a form of desire that carries us forward, onward, through the text.” (p.37).

Brooks (1992, p. 52) apresenta o conceito de desejo no segundo capítulo de seu livro para explicar que há um paradoxo na leitura da narrativa:

the paradox of narrative plot as the reader consumes it: diminishing as it realizes itself leading to an end that is the consummation (as well as the consumption) of its sense-making. If the motor of narrative is desire, totalizing, building ever-larger units of meaning, the ultimate determinants of meaning lie at the end, and narrative desire is ultimately, desire for the end.

No entanto, tendo em mente *Passagem para Índia*, o desejo do leitor não é totalmente saciado: o mistério do que aconteceu nas cavernas não é solucionado, a amizade entre Fielding e Dr. Aziz não sobrevive, assim como a possível relação homossexual que não deixa o plano platônico.

Quando pensamos no desejo narrativo mencionado por Brooks, devemos pensar também na expectativa sobre o que está sendo lido. Nesse caso, não só a vontade não é satisfeita, como também suas expectativas não são realizadas. A quebra de expectativa é considerada um grande fator na construção do enredo de *Passagem para Índia*, como explica Moffat (1990), em seu texto “*A Passage to India*” and the Limits of Certainty.

Wendy Moffat, que também é a escritora da biografia de Forster, mencionada no início deste trabalho,, explica que o romancista utiliza dois métodos na construção de *Passagem para Índia* que influenciam na relação leitor/enredo: o esvaziamento do enredo e a ambiguidade do gênero.

O esvaziamento do enredo pode ser considerado o causador da quebra de expectativa ou o motivo pelo qual nosso desejo não é saciado:

Intrigued by the “art of leaving out what [one does] not want to say,” Forster systematically empties his final novel of elements of certainty. By omitting as well as telling, he requires the reader to participate in what he conceives to be the puzzle of the novel’s world, a process which displaces the reader in interesting ways. (Moffat, 1990, p.332)

Dessa forma, *Passagem para Índia* requer uma leitura mais ativa, ou melhor, utilizando as palavras de Brooks (1992), uma leitura de detetive que tenta se aproximar do que realmente ocorreu nas cavernas, por exemplo, “But the narrator neither confirms nor denies our suspicions” (Moffat, 1990, p. 334).

Após ler diferentes possibilidades sobre o “ocorrido nas cavernas” nos rascunhos de E.M. Forster, Moffat (1990) afirma que o rascunho inicial sobre o que ocorre com Adela “[...] solves too many tactical questions, and radically limits the interpretations of what happens to Adela in the cave.” (Moffat, 1990, p.334). Ou seja, a suspensão do acontecimento nas cavernas é feita de modo proposital e tem a função de expandir as possibilidades de leitura sobre o ocorrido, sem negar ou confirmar qualquer uma delas.

Já no que diz respeito à ambiguidade do gênero, podemos entender que Forster utiliza de assuntos familiares a nós leitores, como o casamento e a morte, e os modifica, o que causa também a quebra de expectativa no nível estrutural. Como Moffat (1990) ilustra, Forster utiliza do conceito de casamento para que nós leitores possamos criar expectativas sobre o gênero textual: “we are lulled into a sense that *A Passage to India* will be a social comedy, a domestic novel of small entanglements.” (Moffat, 1990, p. 335).

Wendy Moffat relaciona, inclusive, aspectos presentes nas narrativas de Jane Austen, mais especificamente de *Pride and Prejudice*, para demonstrar que o início de *Passagem para Índia* se aproxima de uma narrativa doméstica de Austen. No entanto, a narrativa de Forster se afasta do campo doméstico e, de certa forma, do britânico e ocidental, para se aproximar do oriente indiano: “In the face of this chaotic and mysterious world, they begin to see marriage as a mere ritual, a form applied like a cloak to cover our vast misunderstandings of ourselves” (Moffat, 1990, p.335).

A ideia do casamento como a solução dos problemas é negada na narrativa de Forster: “The human race would have become a single person centuries ago if marriage was any use.” (Forster, 2002, p.160). Podemos entender, então, que o casamento, assim como na literatura de Austen e na sociedade britânica, não é possível de ser aplicado no contexto colonial, pois o problema da colonização não pode ser resolvido com um simples casamento.

Mas se não o casamento, quais são as outras possibilidades? Essa indecisão é o que influencia a construção de *Passagem para Índia*: “The uncertainty of the literary genre of *A*

Passage to India is tied to our uncertainty about its moral world.” (Moffat, 1990, p.335). A autora (1990, p.336) vai além e ainda reforça que o gênero de *Passagem para Índia* é proteico:

Forster manipulates our expectations of genre in several ways, and if the novel were frozen at certain key scenes we would be convinced of its incontrovertible form as a melodrama, a detective story, a tale of the occult, a religious meditation, or a polemic against imperialism (p. 336)

Além do casamento, Forster utiliza a morte de forma diferente e explica que a morte de um personagem na literatura pode causar uma mudança brusca no que diz respeito ao enredo. No entanto, a morte de Mrs. Moore em *Passagem para Índia* “[...] seems divorced from causality, just as it does in life.” (Moffat, 1990, p. 336), ou seja, ocorre mais uma quebra na expectativa, agora sobre a morte de Moore: a personagem que poderia ter salvo Aziz da condenação injusta é morta e sequer influencia o resultado do julgamento.

Um outro ponto central de *Passagem para Índia* é a última seção, chamada “Templo”. Moffat (1990) pontua que é nesta seção que o gênero proteico de Forster é reforçado. Após o julgamento e uma volta ao mundo comum, “where human institutions such as marriage and the law are capable of solving monstrous and untenable problems.” (Moffat, 1990, p.338), a seção “Templo” introduz de volta um mundo no qual as soluções ocidentais não se aplicam:

The pattern of genre in A Passage to India is not presented as a dialectic-either comedy or tragedy, either fantastic or realistic, for example. Rather, we are turned back into a world which cannot be categorized, where intimations of interpretative wholeness are subverted once again. (Moffat, 1990, p.338)

Podemos entender, portanto, que a construção do enredo de *Passagem para Índia* tem uma relação importante no que diz respeito à expectativa do leitor sobre o que está sendo lido. É possível compreendermos que a quebra de expectativa no nível textual e estrutural é uma técnica utilizada por Forster de forma proposital com o objetivo de demonstrar que as relações pessoais e morais, no contexto de *Passagem para Índia*, são extremamente complexas.

Além disso, Forster utiliza o gênero proteico para evitar aderir somente a um gênero textual comum à literatura britânica. Como vimos anteriormente, os aspectos sociais britânicos que regem os gêneros textuais e as relações de seus personagens não se aplicam à sociedade indiana. Ou seja, aderir a um gênero em específico pode ser considerado ainda um ato colonizador, se levarmos em consideração a ideia de Edward W. Said:

No, cultural forms like the novel or the opera do not cause people to go out and imperialize [...] (Said, 1994, p.81)  
[...]  
but it is genuinely troubling to see how little Britain's great humanistic ideas, institutions, and monuments, which we still celebrate as having the power ahistorically to command our approval, how little they stand in the way of the accelerating imperial process. (Said, 1994, p.82)

Dito isso, o gênero proteico de *Passagem para Índia* é de suma importância para a construção de seu enredo, pois: “the method of A Passage to India embodies its moral message.” (Moffat, 1990, p.339). Portanto, esse gênero multiforme utilizado por Forster é uma resposta às normas culturais presentes na literatura britânica que fazem com que sua escrita não imponha, não desvalorize e – principalmente – não colonize o povo e a cultura indiana.

## 4. A HOMOSSEXUALIDADE DE FORSTER PRESENTE NA DESCRIÇÃO DE DR. AZIZ

A descrição dos personagens masculinos pode ser considerada como uma pista da homossexualidade de E. M. Forster, visto que há uma grande ênfase nas características físicas e também na virilidade dos personagens. Moffat (2011) explica que Forster considerava a própria vida como se todos estivessem vivendo em um romance.

Dito isso, podemos compreender que há uma grande influência da vida pessoal de Forster em sua escrita. *Maurice*, por exemplo, contém um poder emocional que “was a reflection of Morgan’s sexual awakening” (Moffat, 2011, n/p). Logo, não só a caracterização dos personagens em *Maurice*, como também as relações explícitas entre eles são fruto de um acontecimento na vida do autor.

O Dr. Aziz, em *Passagem para Índia*, é descrito como um jovem indiano. De acordo com a biografia de Forster, além de já ter se apaixonado por Masood, um indiano, o escritor tinha um grande interesse por homens mais jovens e também pela educação de seus parceiros. Essas características do desejo de Forster podem ser vistas como uma projeção daquilo que o próprio autor aspirava ser.

A leitura é um grande fator na criação dos personagens de Forster. A descrição de Dr. Aziz se encaixa perfeitamente com os interesses pessoais de Forster: “His memory was good, and for so young a man he had read largely” (Forster, 2002, p.14). Esse interesse se reflete também na relação amorosa entre Bob Buckingham e Morgan Forster: “Morgan took charge of Bob’s education, lending him books and querying him earnestly on what he learned from them” (Moffat, 2011, n/p). Em vista disso, conseguimos compreender que o fato de Forster se interessar pela intelectualidade de seus parceiros influencia a caracterização não só de Aziz, mas também a de Fielding, ambos descritos como personagens intelectuais.

Além dessas características, há um grande interesse pelo aspecto físico dos personagens, Aziz “was an athletic little man, daintily put together, but really very strong” (Forster, 2002, p.17). Maurice também é um personagem que se aproxima dessas características. Na nota terminal de *Maurice* temos não só a descrição do personagem, mas também a motivação por trás de sua caracterização. Tal motivação confirma-se como uma projeção daquilo que Forster queria ser: “In Maurice I tried to create a character who was

completely unlike myself or what I supposed myself to be: someone handsome, healthy, bodily attractive, mentally torpid, not a bad business man and rather a snob”. (p.250).

Pensando agora na virilidade, mais especificamente na do Dr. Aziz em *Passagem para Índia*, podemos entender que o personagem indiano é descrito como confiante e desejante. De forma simples, ele é um homem com os nervos à flor da pele: “the young man sprang up on to the verandah. He was all animation.” (Forster, 2002, p.11).

Aziz é um jovem viúvo que não desejava casar novamente: “Respectful but irritated, he answered, “Once is enough.”” (Forster, 2002, p.13). No entanto, o seu desejo e interesse pelas características físicas das mulheres ainda continuava vivo: “Touched by Western feeling, he disliked union with a woman whom he had never seen; moreover, when he did see her, she disappointed him, and he begat his first child in mere animality”. (Forster, 2002, p.46)

O foco nos aspectos físicos era tão grande que Aziz destoava da cultura indiana de não poder ver o rosto da mulher antes de se casar. Durante *Passagem para Índia*, a sexualidade desse personagem é sempre reforçada: “Aziz continued to think about beautiful women”. (Forster, 2002, p.81).

Assim, Aziz é retratado como um homem jovem e viril que saciava seus desejos carniais em bordéis, mas mantinha tudo em segredo: “There is no harm in deceiving society as long as she does not find you out, because it is only when she finds you out that you have harmed her; she is not like a friend or God, who are injured by the mere existence of unfaithfulness”. (Forster, 2002, pp. 81-82)

Dessa forma, podemos compreender que o personagem indiano, criado por Forster, tem sua heterossexualidade enfatizada por sua relação com mulheres: “It’ll have to be quoted in Court, as bearing on his morals. He was fixing up to see women at Calcutta.” (Forster, 2002, p.135). Inclusive, relações negativas também contribuem para a caracterização de Aziz, como a sua relação com Adela Quested, por exemplo: ““It disgraces me to have been mentioned in connection with such a hag.” It enraged him that he had been accused by a woman who had no personal beauty; sexually, he was a snob”. (Forster, 2002, p. 189)

Contudo, a caracterização de Aziz em *Passagem para Índia* pode ser considerada como fruto da homossexualidade de Edward Morgan Forster, no que diz respeito às características físicas e psicológicas. Veremos mais adiante como o surgimento do binarismo hétero/homossexual influencia a construção de personagens na literatura *queer*.

## 5. A AMIZADE COMPLEXA ENTRE FIELDING E AZIZ

Uma das relações mais estudadas de *Passagem para Índia* é a relação entre o Dr. Aziz e o Fielding, um indiano e um britânico. O próprio romance nos coloca em um impasse: é possível que o colonizado e o colonizador sejam amigos dentro do território colonizado? O romance, então, responde que não.

Embora o foco deste trabalho seja a possível relação homossexual entre Aziz e Fielding, é impossível trabalhar a amizade entre esses dois personagens sem levar em conta o aspecto da colonização que rege essa relação. Já no que diz respeito à homossexualidade, é de suma importância que levemos em conta a homossexualidade secreta de E.M. Forster que, como mencionado anteriormente, pode ter influenciado suas obras.

Aziz é um jovem médico indiano, viúvo e vive longe dos filhos. Fielding é um homem britânico, solteiro e diretor de uma escola. Ambos, de certa forma, solitários. Aziz, que não desejava se casar novamente, tinha mais interesse em conhecer um novo amigo: “Then he realized what he had lost, and that no woman could ever take her place; a friend would come nearer to her than another woman.” (Forster, 2002, p.46)

O jovem indiano tinha grandes expectativas na possível amizade com Fielding: “For he had never met the Principal, and believed that the one serious gap in his life was going to be filled.” (Forster, 2002, p.50), amizade esta que começa de uma forma inusitada, inesperada, e que causa uma aproximação imediata entre esses personagens: “He was dressing after a bath when Dr. Aziz was announced.” (Forster, 2002, p.52).

A intimidade imediata entre os personagens pode ser considerada como um grande fator na amizade entre Aziz e Fielding. Ambos preferem a relação não convencional: “I like unconventional behaviour so extremely.” (Forster, 2002, p.52). Nota-se, então, uma ambiguidade na não-convencionalidade dessa relação, que pode ser lida como uma relação de amizade não convencional entre colonizado e colonizador, que é a mais comum, ou como uma relação amorosa não-convencional entre dois homens.

Essa relação entre Aziz e Fielding é capaz de quebrar as barreiras sociais impostas pela colonização. Tal aspecto fica em evidência quando pensamos na reação de Fielding com a possível condenação de Aziz: “I am waiting for the verdict of the courts. If he is guilty I resign from my service, and leave India. I resign from the club now.” (Forster, 2002,

pp.150-151). Para ele, o fato de Aziz poder ser rotulado dentro das expectativas do colonizador significa uma falha em tudo que acredita. O fato de sair da Índia é considerado por ele uma desistência da amizade com Aziz e a aceitação do senso comum e da moral do colonizador, o qual é sempre enfatizado na narrativa como uma força opressora quando outros personagens britânicos expressam suas ideias.

Embora Adela Quested tenha desistido da acusação contra Aziz, a pressão por escolha de lados afetou a relação entre Aziz e Fielding e é nesse momento que podemos notar que poderia haver algo mais entre esses personagens. A reação de Aziz sobre a possível relação de Fielding e Adela Quested gera um sentimento de desconfiança e ressentimento na amizade entre os dois: “They say that you and Miss Quested became also rather too intimate friends.” (p.213).

Esse ressentimento de Aziz pode ser considerado como ciúmes pois podemos ver a ideia de “relação íntima entre amigos”, uma vez empregada com as mesmas palavras para definir a relação de Aziz com Fielding, ser utilizada por Aziz para descrever o possível romance entre Fielding e Quested. Esse sentimento fica ainda mais evidente quando Aziz e Fielding discutem sobre isso:

“It simply doesn’t affect me. Spies are as thick as mosquitoes, but it’s years before I shall meet the one that kills me. You’ve something else in your mind.”/“I’ve not; don’t be ridiculous.”/“You have. You’re cross with me about something or other.”/Any direct attack threw him out of action. Presently he said: “So you and Madamsell Adela used to amuse one another in the evening, naughty boy.” (Forster, 2002, p.214)

A constante desconfiança de Aziz com Fielding é o que fragiliza a amizade entre os dois: “What is friendship without confidences?” (Forster, 2002, p.213). A narrativa de Forster reforça as expectativas de Aziz e de nós leitores quando deixa a vida de Fielding, fora da Índia, ao imaginário de Aziz. Dessa forma, o narrador adere à perspectiva de Aziz: “He had married, he had done the expected with Miss Quested, and Aziz had no wish to see him again.” (Forster, 2002, p.220).

Utilizar da perspectiva de Aziz pode ser considerada uma estratégia narrativa para enfatizar o desentendimento e a quebra de expectativa sobre a companheira de Fielding, que não se casou com Adela Quested, mas sim com a filha de Mrs. Moore.

Essa constante desconfiança e desentendimento entre Aziz e Fielding pode ser considerado como uma metáfora para nós leitores de que a relação entre o ocidental e o oriental – colonizador e colonizado – é complexa a ponto de fugir de nossas expectativas, que

são regidas pela moral do colonizador. É através dessa quebra de expectativa causada pela confusão entre o ocidente e o oriente que a amizade e o romance entre Fielding e Aziz se torna impossível.

## 6. A LITERATURA *QUEER* E A INFLUÊNCIA EXTERNA DA HOMOFOBIA NA CONSTRUÇÃO E RELAÇÃO DE PERSONAGENS EM *PASSAGEM PARA ÍNDIA*

Embora a amizade Aziz e Fielding tenha falhado, devemos pensar nos aspectos sociais que regem essa relação. Para isso, utilizaremos a teoria de Eve Kosofsky Sedgwick em *Epistemology of the Closet*, em que a autora explica de forma crítica que a heteronormatividade rege todas as relações sociais nas quais nos inserimos.

Sedgwick (1990) explica em seu livro que as relações homosociais, ou seja, as relações entre homens, mesmo que não amorosas, são afetadas pela homofobia: “the continuum of male homosocial bonds has been brutally structured by a secularized and psychologized homophobia” (Sedgwick, 1990, p.185). De acordo com a autora, essa relação homosocial é demarcada pelos binarismos sociais que são utilizados para distinguir o hétero do homossexual: “[...] masculine / feminine, majority / minority, innocence / initiation, natural! artificial, new/ old, growth / decadence, urbane / provincial, health / illness, same/ different, cognition/ paranoia, art/ kitsch, sincerity/ sentimentality, and voluntariness / addiction” (Sedgwick, 1990, p.186).

Como explica Sedgwick (1990), com o surgimento do heterossexual, surge também a heteronormatividade, a qual ordena e oprime a forma como vivemos atualmente. Em outras palavras, as relações homosociais, sejam elas quais forem – literárias ou não –, precisam ser marcadas como não-homossexuais, pois há um medo de que essa relação seja vista como homossexual.

Sedgwick (1990, p. 185) nomeia esse medo como “male homosexual panic” (p.185). que, de acordo com a autora, é o que influencia os romances de amor em que o herói masculino está em uma relação assassina com outro personagem masculino:

My specification of widespread, endemic male homosexual panic as a post-Romantic phenomenon, rather than as coeval with the beginnings, under homophobic pressure, of a distinctive male homosexual culture a century or so earlier, has to do with (what I read as) the centrality of the paranoid Gothic as the literary genre in which homophobia found its most apt and ramified embodiment. (Sedgwick, 1990, p.186).

Embora o “pânico homossexual” tenha influenciado as relações homosociais na literatura de forma negativa, a autora reforça que há uma resposta a essa influência homofóbica, o *bachelor*:

It makes sense, I think, to see the development of this odd character the bachelor, and his dissolutive relation to romantic genre, as, among other things, a move toward the recuperation as character taxonomy of the endemic double bind of male homosexual panic that had been acted out in the paranoid Gothic as plot and structure. (Sedgwick, 1990, p.189).

Essa caracterização do *confirmed bachelor*, em que traduziremos para “solteirão convicto” neste trabalho, nos interessa pois é possível ver o personagem de Aziz se encaixar nesse tipo de herói. Sedgwick, em *Epistemology of the Closet*, desenvolve diferentes características para esse personagem, dentre as quais focaremos na marginalização, na descrença em futuros relacionamentos, no interesse em prazer físico e na boemia.

Podemos pensar na marginalização justamente por Aziz ser um indiano, ou seja, um personagem marginalizado na Índia enquanto colônia. Já sobre a descrença em futuros relacionamentos, há de se pensar no status de viúvo de Aziz que, embora não tenha se casado por amor, teria descoberto o amor pela mãe de seus filhos. No entanto, Aziz reforça não ter interesse em se casar novamente após a morte de sua esposa: “Respectful but irritated, he answered, ‘Once is enough.’” (p.13).

Sobre prazer físico e boemia podemos lembrar a seção 4, em que descrevemos a construção do personagem de Aziz como um homem viril e desejante que, além de frequentar bordéis, mantinha seu foco e tecia comentários sobre as características físicas de outros personagens.

Dito isso, podemos entender que a heteronormatividade afeta a construção de Aziz, que tem como opção se encaixar no “male homosexual panic” (Sedgwick, 1990, p.185) ou no solteirão convicto. Ambos os tipos de heróis demonstram uma “sexual anesthesia” (Sedgwick, 1990, p.194), isto é, ambos rejeitam seus desejos sexuais.

A rejeição de um desejo homoafetivo só reforça a presença da heteronormatividade como um grande influenciador na literatura *queer* e é essa influência que afeta a relação entre Aziz e Fielding em *Passagem para Índia*, a qual termina com uma demonstração explícita de afeto:

[...] “and then,” he concluded, half kissing him, “you and I shall be friends.”

“Why can’t we be friends now?” said the other, holding him affectionately. “It’s what I want. It’s what you want.”  
But the horses didn’t want it—they swerved apart; the earth didn’t want it [...]  
(Forster, 2002, p. 253).

Com isso, podemos entender que apesar da narrativa de Forster ser afetada pela heteronormatividade, sua obra não nega totalmente a existência de um desejo amoroso. Há uma força maior, expressa pela metáfora dos cavalos se afastando e pelo desejo do mundo que, além de poder ser lida como o poder do imperialismo, pode também ser lida como o poder da heteronormatividade e da homofobia:

Like many of his not overtly homosexual fictions, *A Passage to India* figures Forster’s unity in essentially androcentric terms: the desperate embrace between Aziz and Fielding at the end demonstrates their most passionate, and most unattainable, love. (Moffat, 1990, p.339).

Retomando Moffat (1990), entendemos que além da amizade, o amor entre os dois também é impossível enquanto o imperialismo e a heteronormatividade estiverem presentes na vida deles. Portanto, é possível englobar a heteronormatividade como uma forma de poder presente em *Passagem para Índia*, além do imperialismo.

## 7. CONCLUSÃO

A vida de pessoas LGBTQIA+ são marginalizadas e invisibilizadas dentro e fora dos livros, são pessoas e personagens que morrem na realidade e também na ficção, simplesmente deixam de existir. O legado que Edward Morgan Forster nos deixa é importantíssimo para a literatura *queer*, sendo um dos primeiros autores a escrever um final feliz para um casal homoafetivo. O escritor britânico é um grande expoente na literatura inglesa não só com *Passagem para Índia*, um de seus maiores romances, mas também na crítica literária.

É importante lembrarmos sobre o contexto histórico em que Forster viveu. Para isso, utilizaremos como base o artigo de Michael Levy (2023) intitulado *Gay Rights Movement*. De acordo com o autor, a Inglaterra passou pelo chamado *Buggery Act*, lei de 1533 que previa que as relações entre pessoas do mesmo sexo fossem criminalizadas e punidas com a morte. No entanto, em 1967, após 10 anos da criação do conhecido *Wolfenden Report*, os “Atos de Sodomia” (Levy, 2023, n/p, tradução nossa) passaram a ser revisados até serem totalmente abolidos na Inglaterra, em 2003.

Dessa forma, podemos pensar Edward Morgan Forster através dessa perspectiva da homossexualidade como um grande risco de vida. O fato da obra *Maurice* poder ser considerada como uma materialização da sexualidade de Forster mantida em segredo é uma cruel possibilidade para a vida do autor. Um homem que viveu desde a condenação de Oscar Wilde por sodomia, que viu seus amigos fugirem da Alemanha nazista e que morreu um ano após a Rebelião de Stonewall, a qual foi um marco na luta de direitos pró-LGBTQIA+.

Este contexto de homofobia e heteronormatividade como forças externas e opressoras são o que motivaram o objetivo deste trabalho, que é o resgate de personagens literários que podem ter sido invisibilizados e marginalizados por essas forças externas as quais afetam e causam medo no autor *queer* que os escreve.

No caso deste trabalho, o autor *queer* é E.M. Forster, que teve sua sexualidade revelada postumamente. Vimos como sua sexualidade secreta e sua vida pessoal influenciaram a escrita de *Maurice* e *Passagem para Índia*, seja através de um amor frustrado com o indiano chamado Masood, seja através de um grande amor como Bob Buckingham. Ambas as relações são atravessadas pelo medo da homofobia e da heteronormatividade.

Podemos compreender que, mesmo afetado pelo medo, Forster mostra uma resistência à colonização quando escreve um romance, o tipo de texto literário utilizado pelos

colonizadores britânicos, para tratar sobre a Índia. Essa resistência de Forster afeta sua obra no que diz respeito à expectativa do leitor e à construção da narrativa de *Passagem para Índia*, que são consideradas complexas e subversivas a ponto de serem vistas como uma forma de desafiar as normas ocidentais.

Ao utilizar o gênero proteico, Forster provoca a moral britânica e consegue escrever um romance que respeita a moral e os costumes da cultura indiana. Assim, o autor evita que a cultura indiana seja categorizada pelo viés ocidental e colonizador.

Essa característica inovadora e progressista de Forster pode ser considerada como um efeito da sua sexualidade. As forças externas da heteronormatividade e da homofobia que colocam sua vida em risco, além de afetarem a sua obra como um todo, também impactam a construção de personagens como Aziz e Maurice.

Ademais, essas forças também atravessam a relação entre os personagens Aziz e Fielding em *Passagem para Índia*. Podemos compreender que, além da força imperialista da colonização, a qual impossibilita a amizade entre esses dois homens, a heteronormatividade contribui para que a relação homoafetiva também falhe.

Portanto, essa leitura é importante para resgatarmos os significados que podem ter sido invisibilizados por causa da homofobia na época em que o romance *Passagem para Índia* foi escrito. A intenção é contribuir para estudos que visam ir além da leitura principal sobre a amizade complexa entre colonizado e colonizador.

Contudo, após a leitura deste trabalho, somos capazes de ver em *Passagem para Índia* algo além da colonização e da amizade entre Aziz e Fielding: a heteronormatividade e o romance entre os dois personagens. A heteronormatividade pode ser vista como uma força opressora que afeta Edward Morgan Forster no momento da escrita e invisibiliza personagens que poderiam ter sido explicitamente homossexuais. Essa ideia é reforçada pelo fato de haver uma relação homossexual explícita e com final feliz em *Maurice*, a qual teve de ser mantida em segredo por motivos de segurança e publicada postumamente.

Além disso, é de suma importância para todos nós enquanto sociedade tentarmos compreender as implicações e a extensão da homofobia como força opressora, para que possamos resgatar a história de pessoas e personagens LGBTQIA+, marginalizadas e criminalizadas, e lhes atribuir o seu devido valor para a literatura *queer*. No caso de Edward Morgan Forster, esse resgate é uma tentativa de entendermos a vivência *queer* num tempo tão violento, em que até a escrita era moldada pelo medo e o desejo por um final feliz tornava tudo mais difícil:

A happy ending was imperative, I shouldn't have bothered to write otherwise. I was determined that in fiction anyway two men should fall in love and remain in it for the ever and ever that fiction allows, and in this sense Maurice and Alec still roam the greenwood. I dedicated it "To a Happier Year" and not altogether vainly. Happiness is its keynote—which by the way has an unexpected result: it has made the book more difficult to publish. (Forster, 1987, p.250).

Por fim, o resgate desses significados invisibilizados pela criminalização da homossexualidade é uma forma de trazer justiça para a vida de pessoas LGBTQIA+ que foram afetadas direta ou indiretamente por essa violência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROOKS, Peter. **Reading for the Plot: Design and Intention in Narrative**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

FORSTER, Edward Morgan. **Maurice: A Novel**. London: Norton, 1987.

FORSTER, Edward Morgan. **A Passage to India**. New York: RosettaBooks LLC, 2002. *E-book*. Disponível em: <https://www.rosettaebooks.com/ebook/a-passage-to-india/>. Acesso em: 29 ago. 2023

LEHMANN, John. Christopher Isherwood: **A Personal Memoir**. New York: Henry Holt, 1988.

LEVY, Michael. **Gay Rights Movement**. Encyclopedia Britannica, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/gay-rights-movement>. Acesso em: 8 out. 2023.

MOFFAT, Wendy. “A Passage to India” and the Limits of Certainty. **The Journal of Narrative Technique**, vol. 20, nº 3, p. 331-341, 1990. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/30225304>. Acesso em: 24 ago. 2023.

MOFFAT, Wendy. **E.M. Forster: A New Life**. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2011. *E-book*. Disponível em: <https://www.bloomsbury.com/uk/e-m-forster-9781408824276/>. Acesso em: 29 ago. 2023.

SAID, Edward Wadie. **Culture and Imperialism**. New York: Vintage Books, 1994.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the Closet**. California: University of California Press, 1990.